

O PROCESSO DE MERCANTILIZAÇÃO DA MÚSICA NA SOCIEDADE CAPITALISTA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

Washington de Sousa Soares¹
Daniele Kelly Lima de Oliveira²

RESUMO

O presente artigo pretende expor as considerações preliminares do estudo acerca do processo de mercantilização da música na sociedade capitalista. Nesse sentido, observamos a negação da música como patrimônio histórico do gênero humano, tornando-se um privilégio de poucos. Nessa pesquisa nos apoiamos nos trabalhos realizados por alguns estudiosos dessa temática, dentre eles: Marx (2011) no Livro I de O Capital, que nos dá elementos para análise da sociedade capitalista e seus desdobramentos em todos os complexos sociais; Lukács (1978), que recupera a ontologia marxiana e os fundamentos ontológicos do trabalho; Scheneider (2006) que faz a crítica ao processo de mercantilização da música e Bennet (1998) juntamente com Candé (2001), que tratam da história da música.

Palavras-chave: Música, Crítica marxista, Mercantilização.

THE PROCESS OF MERCHANTABILITY OF MUSIC IN CAPITALIST SOCIETY: PRELIMINARY CONSIDERATIONS

ABSTRACT

The current article intends to expose the preliminary consideration of the study about the process of merchantability of music in the capitalist society. In this way, we can observe the denial of music as historical heritage of human, becoming, in the long of history of humanity, privilege of a few people. In this survey, we studied other work done by some scholars which study this theme, some of them are: Marx (2011), on the Book I of The Capital, which give us elements to analyse the capitalist society and its developments in all society complex; Lukács (1978), who get back the marxist ontology and the ontologic grounds of work; Scheneider (2006) who makes the criticism to the process of merchantability of music and Bennet (1998) along with Candé (2011), which ones dealing with history of the music.

Key- words: Music, Marxist criticism, merchantability.

¹ Graduação em Música/UECE e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/MÚSICA

² Professora/UECE - Doutoranda/UFC

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos o percurso histórico da música no curso de licenciatura em Música da Universidade Estadual do Ceará (UECE) nos deparamos com uma insistente interrogação: por que a música, como patrimônio histórico universal do gênero humano, vem sendo negada ao conjunto da humanidade em geral, tornando-se privilégio de poucos, e acompanhado de um acentuado processo de mercantilização?

Encontramos elementos de compreensão para nos auxiliar na busca de respostas a esse questionamento por meio dos estudos realizados na disciplina de Didática Geral I, ministrada pela professora coautora desse artigo, que faz parte das disciplinas denominadas pedagógicas, ou seja, aquelas que são indicadas para a formação pedagógica dos cursos de licenciaturas.

Isso porque, nessa disciplina tivemos acesso aos estudos do filósofo alemão Karl Marx (1818-1883), que faz uma análise do modo de produção capitalista e seus desdobramentos na vida humana, por meio de alguns de seus intérpretes como Ivo Tonet e Sérgio Lessa, situando o trabalho como categoria fundante do ser social e de outros complexos da vida humana, tais como a linguagem e a arte como nos afirma Lukács (1978).

Essas leituras nos permitiram ainda entender que mercantilização da música, expressão do complexo social da arte, só pode ser corretamente compreendida se analisada como parte de uma totalidade social.

Diante desse panorama e amparados na crítica marxista, nos propomos nesse artigo a delinear uma breve consideração acerca do processo de mercantilização da música na história da humanidade, ou seja, da negação da música, como patrimônio histórico universal do gênero humano e sua transformação em mercadoria como um processo histórico e não como um fato natural, como poderemos compreender no decorrer do artigo.

A música como objeto de estudo do processo de mercantilização capitalista

Antes de iniciarmos nossa exposição cabe destacar o porquê da escolha da música como nosso objeto de pesquisa no que tange o processo de mercantilização na sociedade capitalista. Em primeiro lugar, como exposto anteriormente, o primeiro autor é graduando do curso de Música, mas para além desse fato, concordamos com Schneider (2006) quando este expressa que

[...] a música é a única forma de produção cultural pré-capitalista que foi, ao contrário da pintura, da dança, da escultura etc., convertida em produto industrial de massa, graças ao surgimento de tecnologias de registro, emissão e reprodução adequadas às suas propriedades materiais, bem como à sua produção e comercialização massivas. (p. 172).

Comparando a música com o cinema e o *design*, Schneider esclarece que

[...] o primeiro não é uma forma industrial de teatro, mas um produto mercantil e original desde o princípio; já o *design*, que pode ser entendido como a mercantilização da escultura ou do artesanato em geral, não exerce o mesmo papel *educativo* que o cinema ou a música: estes se tornaram, ao longo do século XX, algumas das principais referências identitárias, afetivas e lúdicas da esmagadora maioria das pessoas. Se a música o era antes, não podemos afirmar. Mas certamente não o era enquanto mercadoria massificada. Nem o teatro ou a escultura. (idem, *ibidem*).

Schneider ainda diferencia o processo de mercantilização da música com o da literatura e da tv, visto que na literatura o mercado editorial não adquiriu dimensões similares ao da música, enfatizando a especificidade do processo de produção do livro.

[...] embora sua reprodução em série exija certa divisão do trabalho e maquinaria, o mesmo não ocorre com a produção da *matriz*, artesanal e individual. Já o filme e o disco (ou CD) demandam divisão do trabalho e maquinaria inclusive para a produção da *matriz*. (idem, *ibidem*).

Por sua vez, alerta que a tve o cinema não existiam antes da mercantilização da cultura, o que os torna elementos inadequados para essa análise. Diante do cenário exposto, concordamos com Schneider quando este afirma que:

A música, assim, junto ao cinema, é a arte de massa por excelência. Mas o fato de ter havido música *antes* de ela ter-se tornado mercadoria, oferece-nos um parâmetro de comparação que nos permite pensar a especificidade do modo capitalista de socializar cultura em relação a formas anteriores, coisa que o cinema não faz. Ao mesmo tempo, essa perspectiva metodológica favorece o reconhecimento do caráter histórico geral da forma atual de socialização da cultura, o que ajuda a pensar sua superação. (idem, *ibidem*).

Amparados nessa perspectiva, apresentamos a seguir o percurso da música na história da humanidade e sua nova configuração imposta pelo sistema capitalista.

Música: Patrimônio histórico do gênero humano

Os primeiros homens pré-históricos tinham uma preocupação de contar e cantar suas histórias, assim como seus atos heroicos e suas tradições culturais, com o intuito de deixar

para que as futuras gerações pudessem não só construir, mas também preservar os conhecimentos descobertos ao longo do tempo.

Quando observarmos pinturas antigas, esculpidas em pedras, percebemos que os homens pré-históricos utilizavam instrumentos rústicos, tais como conchas, chifres, madeiras e pedras. Outros exemplos que poderiam ser usados seriam ossos de animais que poderiam servir para reproduziros sons da natureza, atrair animais que iriam servir de alimento para festividades, para guerras ou comunicar as diversas manifestações de pensamentos ou para cultuar os deuses.

Desde as comunidades primitivas o homem transformava o meio onde vivia, extraía o que de melhor tinha para seu sustento e conforto, estabelecia seus territórios e assim estruturava suas comunidades produzindo novas formas através do material tirado da natureza.

Diversos povos antigos, tais como os persas, os egípcios, os hebreus, os romanos, os celtas e os etruscos, possuíam relações com a música. Produziam diferentes tipos de formas³ e instrumentos musicais.

Na sociedade grega, por exemplo, a música possuía um conteúdo extramusical, no sentido de que ela era usada não apenas como expressão de sentimentos, celebração de festividades ou em eventos religiosos, mas sim como um recurso pedagógico usado para ensinar valores éticos e morais com o intuito de formar o caráter da nação grega.

A música pertencia a todos os cidadãos e não somente aos executantes de instrumentos musicais, ela era tida como algo belo e verdadeiro e recebia um caráter de disciplina educativa estando em pé de igualdade com todas as ciências, tais como, Matemática, Astrologia e o Direito.

Platão e Aristóteles, dois grandes expoentes da filosofia grega, acreditavam que grandes pilares da educação se traduziam na frase “corpo são e mente sã”. O primeiro seria alcançado com a prática de determinada quantidade de exercícios físicos e o segundo alcançado

³Segundo Bennett (1988, p. 12) a palavra forma é usada para “descrever o projeto ou configuração básica de que um compositor pode valer-se para moldar ou desenvolver uma obra musical. São vários os tipos de formas ou configurações, obtidas através de diferentes métodos, nos diferentes períodos da história da música”.

com a prática e escuta de determinada música de qualidade, sendo esse pilar da educação explicado pela doutrina da imitação⁴ de Aristóteles.

No tocante a qualidade da música, Grout e Palisca (2007, p. 21) informa que para Aristóteles “[...] se ouvirmos música inadequada, tornar-nos-emos pessoas más; em contrapartida, se ouvirmos a música adequada, tenderemos a tornar-nos pessoas boas”.

Nas primeiras constituições de Atenas e de Esparta haviam leis específicas que tratavam da utilização da música como conteúdo curricular das instituições de ensino. Através da música os governantes controlavam toda forma de conhecimento que era transmitido à sociedade. As leis eram entoadas em salas de aula na forma de hinos patriotistas.

Nesse contexto da utilização da música como prática de exaltação a pátria, Fonterrada (2008, p. 26) afirma que “[...] nenhum espartano, de qualquer idade, sexo ou classe social era excluído desse exercício, num sistema em que cada indivíduo tinha que cumprir sua parte, pelo benefício moral, social e político do Estado”.

O governo grego incentivava os cidadãos a estudarem música e aproximadamente no século V a.c. a música tinha ganhado um novo status, que era percebido por meio de vários festivais e concursos.

Séculos mais tarde, já na primeira parte da Idade Média, aproximadamente até o séc. XIII, a Igreja também usava a música como conteúdo extramusical, com o intuito de auxiliar na construção do caráter do homem cristão, porém o único sentimento que esse homem cristão medieval poderia expressar era o religioso.

Nessa época, as classes sociais se dividiam em clero, que era formado pelos sacerdotes da Igreja; pelos senhores feudais ou suseranos, que eram os proprietários das terras (vale ressaltar que nesse período o símbolo de riqueza e poder era a detenção de terras); os guerreiros e os servos livres ou vassallos, que eram os agricultores que plantavam nas terras dos suseranos.

O clero recebia muitas terras e doações dos fiéis, tornando-se detentor de poder, que lhe propiciava a possibilidade de influenciar e controlar seus súditos. Aproveitando-se de

⁴Grout e Palisca (2007, p. 20) afirmam que para Aristóteles a música representa estados da alma tais como “[...] brandura, ira, coragem, temperança, bem como os seus opostos e outras qualidades [...]” e se durante um determinado espaço de tempo o homem escutar músicas que o encoraje, seu caráter será moldado e ele ficará corajoso.

ensinamentos bíblicos, os clérigos manipulavam o pensamento dos fiéis, moldando-o para girar em torno do pensamento cristão, dizendo que Deus era o “justo juiz” que julgaria as atitudes humanas. Nesse contexto os sacerdotes eram os homens responsáveis por fiscalizar as atitudes humanas na Terra.

O sistema de ensino foi monopolizado pelo clero até o século XIII e permitia a reprodução do conjunto de ideias que ia sendo elaborado de acordo com os interesses de cada época. Os sermões das missas funcionavam como o canal de divulgação dessas mesmas ideias para os que não frequentavam as escolas [...] A presença constante da religião na vida cotidiana foi responsável pela formação de uma mentalidade que via o mundo sob um prisma simbólico, quase mágico, em que grande parte dos fenômenos era tida como sobrenatural e cuja compreensão somente era alcançada pelos intermediários entre Deus e a humanidade, isto é, os membros do clero católico. (PETTA, 2003, p. 34-53).

Aproximadamente na segunda metade do século XIII e meados do século XIV, houve um enfraquecimento do clero devido a uma crise do feudalismo. Vários motivos desencadearam essa crise, dentre eles o crescimento demográfico que teve como resultado a falta de alimentos para abastecer a população sedenta de fome. Existiram também grandes epidemias e uma das mais conhecidas dentre estas foi a Peste Negra⁵ no século XIV que dizimou aproximadamente um terço da população europeia.

Por falta de terras para plantar e abastecer a população faminta, a atividade do comércio se expandiu e ganhou muita força, dando origem a uma nova classe social chamada de burguesia. Com a burguesia surgiram os burgos que eram as cidades sustentadas pelos comércios. Nessa época surgiram os chamados trovadores ou menestrelis, que eram os músicos que saíam de cidade em cidade vendendo sua música para ter sustento.

Para abastecer as cidades burguesas de mercadorias houve a chamada expansão marítima. Consequentemente houve uma mistura de raças, que proporcionou uma miscelânea de formas musicais dando origem a novos ritmos e estilos.

Com a força econômica da sociedade burguesa surgiu um novo sistema social chamado de capitalismo, cuja principal meta era a obtenção de riquezas através do trabalho explorado. O surgimento dessa sociedade marca a passagem da Idade Média para a moderna, na qual há uma clara mudança na maneira como o homem produzia sua própria existência.

⁵A Peste Negra também conhecida por *A Grande Peste* ou *Peste Bubônica* foi uma doença causada pelas pulgas dos ratos pretos e segundo Petta (2003, p. 38) “A mais grave delas foi a que ocorreu entre os anos 1348 e 1349”.

Trabalho: categoria fundante do mundo dos homens

Cabe aqui realizarmos um esclarecimento acerca do Trabalho no sentido ontológico, categoria fundante do ser social, para que possamos perceber com clareza os impactos causados pela ascensão da burguesia como classe dominante nos diversos complexos sociais da humanidade e a nova configuração do trabalho na sociedade capitalista, isto é, trabalho explorado.

Antes de adentrarmos a análise do percurso histórico da música, que como dissemos no início, trata-se de um patrimônio histórico da humanidade, é preciso que entendamos o que nos torna humanos. Lukács (1978) recuperando os estudos de Marx, aponta que a resposta a essa pergunta é o Trabalho, visto que somente a partir dele o homem transforma a natureza conscientemente, criando assim o mundo dos homens. Nesse processo de transformação o homem modifica também a si mesmo, enquanto ser genérico, e a partir daí adquire novas habilidades e novos conhecimentos que precisam ser universalizados.

No primeiro volume do livro I de O Capital, Marx nos informa que:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla o intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (p. 211).

Ao modificar a natureza o homem também modifica a si mesmo como nos indicam Lessa e Tonet, nesse sentido é que podemos afirmar que o trabalho é:

[...] o fundamento do ser social porque transforma a natureza na base material indispensável ao mundo dos homens. Ele possibilita que, ao transformarem a natureza, os homens também se transformem. E essa articulada transformação da natureza e dos indivíduos permite a constante construção de novas situações históricas, de novas relações sociais, de novos conhecimentos e habilidades, num processo de acumulação constante [...] É esse processo de acumulação de novas situações e de novos conhecimentos – o que significa novas possibilidades de evolução – que faz com que o desenvolvimento do ser social seja ontologicamente (isto é, no plano do ser) distinto da natureza. (2011, p. 26).

Entretanto é preciso diferenciar o trabalho no sentido ontológico, aquele que cria valor-de-uso, a utilidade de uma coisa (MARX, 2011, p. 58) e o trabalho explorado, vigente no modo de produção capitalista que cria valor-de-troca⁶, ou seja, a propriedade de trocar-se por outros produtos no mercado. Isso nos permite escapar do falso pressuposto de que “[...] esta forma de sociabilidade é a forma mais adequada que a humanidade conseguiu alcançar para o seu desenvolvimento” (TONET, 2007, p. 11).

Na sociedade capitalista o trabalhador é expropriado dos meios de produção,sendodetentor tão e somente de sua força de trabalho. O capital trata-se de uma relação social, que tem sua origem na compra-e-venda da força de trabalho do produtor pelo capitalista.

Nessa relação,o capitalista paga ao trabalhador um salário, que representa o custo – socialmente estabelecido – da reprodução da força de trabalho, Como o custo dessa reprodução é menor do que aquilo que o trabalhador produz durante o tempo de trabalho contratado, a parte que sobra – em geral a parte maior – vai para as mãos do capitalista, transformando-se nas várias formas de propriedade privada. (TONET, 2007, p. 24-25).

Na sociedade fetichizada, nada escapa a lógica de mercantilizaçãodo Capital, isto é, de transformar tudo em mercadorias, como poderemos perceber ao retornarmos ao percurso histórico da música.

A Mercantilização da música na sociedade capitalista

Após o surgimento dessa nova classe social, a classe trabalhadora, e o enfraquecimento do clero, a produção musical, que antes não poderia ser expressão de prazer do homem, passa a ser cultivada e torna-se símbolo de diversão e mercadoria para a sociedade capitalista.

Até antes do século XVI a música era monofônica, isto é, possuía apenas uma única melodia e neste século ela passou a ser polifônica, ou seja,passou apossuir várias melodias que se entrelaçavam formando um novo colorido musical. Nesse colorido polifônico todas as vozes têm a mesma importância.

⁶Apoiados em Tonet (2007), aqui não tratamos da troca como intercâmbio que existiu desde que os primeiros grupos humanos entraram em contato entre si e tinham excedentes, essa troca a que nos referimos é aquela que tem como objetivo não atender as necessidades humanas, mas a reprodução do capital.

A música polifônica foi de suma importância para as transformações da música ocidental. Grandes nomes da música polifônica motivados por um espírito de liberdade modificaram as formas da escrita musical impostas pela igreja romana após o Concílio de Trento⁷. Essas modificações deram origem a homofonia que significa melodia acompanhada por acordes (que grosso modo são agrupamentos de notas que seguem determinadas regras). Na homofonia há apenas uma única melodia principal as demais são apenas acompanhamentos.

Esse espírito de liberdade do século XVII surgiu no século anterior após Martinho Lutero, que era monge da ordem agostiniana, professor de teologia e licenciado em artes, ter pregado na porta da igreja do castelo de Wittenberg um cartaz com 95 teses baseadas em passagens bíblicas que criticavam a conduta da igreja Católica. O fato gerou uma verdadeira revolução no pensamento do povo e deu origem a uma nova religião chamada pela igreja Católica de protestantismo.

Lutero estabeleceu o culto em linguagem vernácula, pois até então era proclamado em latim, da mesma forma ele juntamente com alguns músicos escreveram hinos para também serem cantados pela igreja.

Já no século XVIII com as transformações acontecidas no mundo do trabalho houve também mudanças nos valores morais e éticos que influenciaram o pensamento social e cultural da época.

Com a consolidação do capitalismo no final do século XIX e meados do século XX, houve cada vez mais um distanciamento da música, pois o pensamento da sociedade passou a girar em torno da obtenção de lucros através do trabalho, esse fato gerou um empobrecimento da cultura musical que passou a ser desprezada pela sociedade que passava a maior parte do dia no labor das indústrias.

Com o surgimento da indústria e a especialização do trabalho a prática musical deixou de ser valorizada pela sociedade e “a depreciação do auditivo tornou-se ainda mais aguda” segundo Candé (2001, p. 16).

⁷Segundo Carvalho (2006, p. 45) a música da Renascença foi de experimentações que trouxeram inúmeras contribuições para o desenvolvimento da música ocidental, porém com o Concílio de Trento houve a abolição de qualquer resquício de música profana na liturgia da igreja. Giovanni Pierluigi da Palestrina (1525-1594) foi o principal compositor dessa música.

Dessa depreciação do auditivo surgiu oconhecido jargão de que “música não é para todos”, fato esse que não se comprova, pois vimos que desde as primeiras civilizações a música faz parte do cotidiano do homem como forma de linguagem que expressa seu *ethos*, seu *modus vivendi*, enfim sua vida.

O que conseguimos apreender é que houve um processo de subsunção formal da produção musical ao capital.

Com o advento do comércio de partituras (existente desde o séc. XVIII, mas extremamente intensificado no séc. XIX), ocorre algo inédito na história da música: pela primeira vez o produto (a música propriamente dita) é separável do ato de produção (aqui entendida como execução), ainda que indiretamente; com os primeiros registros fonográficos, o processo se completa, tornando-se o produto *diretamente* separável do ato de produção. (SCHNEIDER, 2006, p. 173).

A partir desse momento há uma mudança no processo de produção e socialização da música, que passa a depender de outros meios, além da voz humana e de instrumentos musicais. Seu consumo também depende agora de outros fatores como equipamentos de irradiação, captação e reprodução de sons.

Note-se aqui a clara expropriação dos músicos de seus meios de trabalho:

O conjunto desses equipamentos, que viabilizam a produção e o consumo em escala social, não pertence, porém, aos produtores, mas as empresas capitalistas cada vez mais gigantescas, que atualmente operam em escala global. Isto implica uma racionalização crescente do processo produtivo, que nada tem a ver com o valor objetivo, estético, do produto, mas com seu valor econômico. Embora a concepção e a execução da produção musical não possam ser totalmente alienadas do produtor (nos referimos aqui a seus conhecimentos musicais e habilidade técnica, elas são em grande parte, sobretudo no planejamento (concepção) do que será ou não produzido, na determinação do tempo e dos recursos a serem empregados no processo produtivo e, em certa medida, na definição de determinadas características formais do produto – o qual, aliás, é propriedade da gravadora, restando aos compositores e músicos as migalhas (em alguns casos volumosas) de direitos autorais e conexos. (idem, ibidem, p.174).

Embora não tenhamos leituras aprofundadas sobre a concepção de Adorno e Horkheimer (1985) acerca dessa temática, preliminarmente concordamos com os teóricos da escola de Frankfurt quando estes afirmam que a música, expressão do complexo da arte, na

sociedade capitalista é muitas vezes utilizada como pela chamada Indústria cultural⁸, num processo de massificação da cultura, que permite ao capitalismo além de utilizar a música como mercadoria, servir-se dela para inculcar nas pessoas a ideologia da classe dominante.

Considerações finais

Como pudemos perceber a música faz parte da história da humanidade desde as comunidades primitivas, nas quais os homens a utilizavam para contar e cantar suas histórias. Nesse sentido podemos afirmá-la como patrimônio universal histórico da humanidade.

Com o advento da sociedade burguesa e a exploração da força de trabalho, a música passa a ter uma nova configuração social, vai tornando-se aos poucos mercadoria de troca, ou seja, torna-se mercadoria de consumo, para atender as demandas do capital pela obtenção de lucro.

Entendemos, outrossim, que esse processo de mercantilização não se dá exclusivamente com a música, mas sim é um desdobramento da forma como está posto o trabalho no capitalismo, trabalho explorado e assalariado, que só pode ser superado, na busca de uma nova forma de sociabilidade, que garanta a emancipação humana para além dos limites do capital.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1988.

CANDÉ, Roland de. **História universal da música: volume 1** / Roland de Candé: tradução Eduardo Brandão: revisão da tradução Marina Appenzeller. – 2ª ed. – São Paulo: Marina Fontes, 2001.

CARVALHO, Any Raquel. **Contraponto Modal: manual prático**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2006.

⁸O termo *indústria cultural* foi empregado pela primeira vez em 1947, quando da publicação da *Dialética do Iluminismo*, de Horkheimer e Adorno. Esse termo substitui a expressão “cultura de massa”, diferenciando-a da ideia de que essa cultura surge espontaneamente das próprias massas.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: 2ª. ed. da UNESP, 2008.

GROUT, Donald; PALISCA Claude. **História da Música Ocidental**. 5ª. ed. Lisboa: Gradiva, 2007.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. 2ª edição. Editora Expressão Popular. São Paulo – 2011.

LUKÁCS, György. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. In: Temas. São Paulo: Ciências Humanas LTDA, 1978.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PETTA, Nicolina Luiza de. **História: uma abordagem integrada: volume único** / Nicolina Luiza de Petta, Eduardo Aparicio Beaz Ojeda. – 2. ed. - São Paulo: Moderna, 2003.

SCHNEIDER, Marco. **A teoria do valor de Marx e educação do gosto**. Revista Comunicação & Educação. Ano XI. Número 2. Mai/ago. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br>. Acesso em 14/05/2014.

TONET, I. **Educação contra o capital**. Maceió: Edufal, 2007.